

Para além da sala de aula: as atividades complementares na formação do/a professor/a de Educação Física da FEF/Unicamp

RESUMO

O ingresso na universidade proporciona experiências que vão além do ambiente acadêmico, possibilita uma nova visão de mundo e um crescimento pessoal, social e profissional. A partir desse contexto, essa pesquisa buscou compreender o papel das atividades complementares na formação dos/as alunos/as e egressos/as na graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/Unicamp). Foi realizada uma pesquisa bibliográfica e de campo, esta por meio de um questionário online, respondido por 55 participantes. Os dados foram analisados por meio da estatística analítica e da análise de conteúdo. Os resultados mostraram que as atividades complementares estão presentes na trajetória de grande parte dos/as alunos/as da FEF/Unicamp e tem um papel relevante em suas formações. Faz-se necessária a criação de políticas estudantis que garantam a participação democrática e igualitária de todos/as os/as alunos/as nessas atividades, assim como uma maior valorização desses espaços de formação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física; Atividades complementares; Formação profissional; Formação cultural

Julia Pichi Cibim

Licenciada e Bacharela em Educação Física

Universidade Estadual de Campinas/FEF-UNICAMP, Departamento de Educação Física e Humanidades, Campinas, Brasil
juliapcibim@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-9114-6651>

Olívia Cristina Ferreira Ribeiro

Doutora em Educação Física
Universidade Estadual de Campinas/FEF-UNICAMP, Departamento de Educação Física e Humanidades, Campinas, Brasil
olivia@fef.unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-7226-0720>

Beyond the classroom: complementary activities in the Physical Education teacher development at the FEF/Unicamp

ABSTRACT

Getting into a University provides experiences that go beyond academic environment itself; enabling a new world view with personal, social and professional growth. From this context, this research aimed to understand the role of complementary activities in the development of students and graduates at the Physical Education College of the University of Campinas. A bibliographic and field research were conducted in which a semi-structured questionnaire was applied, made available and answered by 55 students and graduates through an online platform. The data were analyzed using analytical statistics and content analysis. The results show that the complementary activities were part of the trajectory of most students and they had an important role in their education. It is necessary to create student policy that guarantee democratic and equal participation of all students in these complementary activities, and it is also paramount to have valorization of these spaces of development.

KEYWORDS: Physical education; Complementary activities; Undergraduation; Cultural formation

Más allá del aula: actividades complementarias en la formación del profesor de Educación Física en la FEF/Unicamp

RESUMEN

Ingresar a la universidad brinda experiencias que van más allá del entorno académico, posibilita una nueva cosmovisión y crecimiento personal, social y profesional. Desde este contexto, esta investigación buscó comprender el papel de las actividades complementarias en la formación de estudiantes y egresados de la carrera de pregrado de la Facultad de Educación Física de la Universidad Estadual de Campinas. Se realizó una investigación bibliográfica y de campo, a través de un cuestionario semi-estructurado, respondido por 55 participantes. Los datos se analizaron mediante estadísticas analíticas y análisis de contenido. Los resultados mostraron que las actividades complementarias están presentes en la trayectoria de la mayoría de los estudiantes y tienen un papel relevante en su formación. Es necesario generar políticas estudiantiles que garanticen la participación democrática e igualitaria de todos los estudiantes en estas actividades, así como una mayor valoración de estos espacios de formación.

PALABRAS-CLAVE: Educación física; Actividades complementarias; Formación profesional; Formación cultural

INTRODUÇÃO

A universidade visa formar profissionais competentes e preparados para exercer uma profissão (BATISTA; PEREIRA; GRAÇA, 2012), mas pode ir além, ao proporcionar a aquisição de novos conhecimentos, de uma nova visão sobre a profissão e sobre o mundo, uma vez que os/as alunos/as passam a ter contato com novas pessoas, culturas, valores e crenças, com experiências acadêmicas e sociais que geram questionamentos e proporcionam amadurecimento e desenvolvimento pessoal, social e profissional (SANTOS *et al.*, 2011).

A Universidade Pública como uma instituição social, científica e educativa, deve atuar de forma autônoma, e lidar com as ideias, buscar o saber, descobrir e inventar o conhecimento, a partir de um processo de dúvidas, reflexões, críticas, criação e formação, ao mesmo tempo em que exerce seu papel fundamental no avanço e na consolidação da democracia (CHAUÍ, 1995,2003). Porém, com o tempo as universidades vêm seguindo uma ideia de modernização e têm perdido a sua autonomia, seu papel social e político, uma vez que funcionam a serviço do capital, do mercado, e não dos direitos dos cidadãos (CATANI; OLIVEIRA, 1999; CHAUÍ, 2003; DIAS SOBRINHO, 2005).

Nesse novo modelo de universidade a preocupação é uma transmissão rápida dos conhecimentos para formar mão de obra para o mercado de trabalho, diminuindo as preocupações com a formação em si, a apropriação intelectual, a crítica, a reflexão e o debate (SILVA, 2001). A universidade precisa proporcionar a seus/as alunos/as uma formação política e cultural e não apenas científica e tecnológica; uma formação dentro e fora das salas de aula. Dessa forma, pode proporcionar um grande potencial para uma melhoria na sociedade como um todo (MONTAGNER; DAÓLIO, 2006; UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2016).

Muitas vezes, as aulas não são suficientes para uma formação ampla do/a profissional e o/a aluno/a precisa buscar um complemento e um aprofundamento para seu melhor desenvolvimento profissional e, muitas vezes, pessoal. Por esses e outros motivos, os/as alunos/as procuram e realizam atividades como estágios não obrigatórios (complementares), projetos de extensão, curso de línguas, grupo de estudos e pesquisa, intercâmbios, entre outros (OLIVEIRA; SANTOS; DIAS, 2016).

Mais especificamente em relação à formação para a docência, ela deve ser capaz de formar professores/as preparados/as para as crescentes exigências dessa profissão, sabendo atuar de forma integradora, flexível e articulada com outros saberes (MONTAGNER; DAÓLIO, 2006). Assim, é necessário preparar esses/as profissionais para lidar com as situações concretas que farão

parte do dia a dia e fazê-los/as refletirem criticamente sobre a atuação profissional, pensando em como atuar, porque e quais as possíveis consequências dessa prática. Uma formação humana e não apenas técnica e especializada. (BATISTA; PEREIRA; GRAÇA, 2012).

De acordo com Montagner e Daólio (2006), os/as graduandos/as em bacharelado e licenciatura no curso de Educação Física se formam professores/as e educadores/as que produzem, geram, aplicam e transmitem conhecimento e cultura. É preciso considerar que ensinar não é apenas transferir determinados conhecimentos e, sim, criar possibilidades para a produção e construção do mesmo (FREIRE, 1996).

Durante esse período da formação inicial os/as alunos/as vivenciam diversas experiências e o mesmo processo de formação se dá de diferentes maneiras para cada sujeito que passa por ele. Aulas, contato com colegas, professores, funcionários, participação em atividades complementares, imersão no ambiente e na vida acadêmica e universitária, são algumas das atividades que passam pelos/as alunos/as e podem despertar algo neles/as, ou não, podem se tornar uma experiência, ou não. Entende-se aqui como experiência aquilo que se vivencia, mas aquilo que permanece, aquilo que nos transforma a partir das práticas que realizamos (LARROSA, 2002; MANESCHY, 2019).

A universidade como formadora de sujeitos e de professores/as, assim como nós futuros/as professores/as, deve oportunizar aulas/momentos que tenham significado, que façam com que os/as alunos/as reflitam, questionem, se sintam tocados/as, para que possam ter experiências potentes e transformadoras.

A Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (FEF/Unicamp), oferece a licenciatura e/ou bacharelado, no período integral (duração de quatro anos) ou noturno (cinco anos). É possível se formar nas duas opções, ao mesmo tempo (modalidade dupla) ou a partir de um reingresso após terminar a primeira formação. O/a graduando/a faz uma série de disciplinas obrigatórias e eletivas (pedagogias e aprofundamentos), com caráter teórico e prático, presentes na grade curricular do curso (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2020a; 2020b). Mas, além disso, têm a oportunidade de participar das mais diversas atividades complementares.

Na FEF/Unicamp são inúmeras as possibilidades de participação em atividades que podem complementar essa formação universitária, como, por exemplo, cursos, eventos científicos, eventos culturais, projetos de extensão, grupos de estudos, iniciação científica, entre outras. Tais atividades são oferecidas pela própria FEF ou por outros institutos, faculdades e espaços da Unicamp.

Desse modo, essa pesquisa visou compreender qual o papel das atividades complementares na formação dos/as alunos/as e egressos/as da graduação FEF/Unicamp. Teve o propósito, também de verificar quais são essas atividades e como tem sido a participação dos/as formandos/as e egressos/as nessas atividades durante a graduação.

Procedimentos metodológicos

Esse trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio da busca de palavras chaves como “atividades complementares”, “formação de professores” e “educação física”, em bases de dados disponíveis como Scielo e SBU-Unicamp, entre os anos de 1999 e 2019. Foram encontradas 224 produções no SBU-Unicamp: 174 revistas acadêmicas, 24 livros eletrônicos, 14 livros, seis dissertações/teses, um recurso eletrônico. No Scielo, somente uma produção foi encontrada. Após a leitura dos resumos, foram escolhidos e utilizadas 24 produções, entre elas, artigos, livros e outros documentos institucionais e nacionais.

A pesquisa de campo foi realizada por meio de um questionário, composto por questões fechadas e abertas, com espaços para comentários e/ou sugestões. As questões eram voltadas para as atividades complementares realizadas (ou não) durante a graduação. O questionário ficou disponível em uma plataforma online. Os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa concordaram com o TCLE e responderam ao questionário. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Unicamp e o número do CAAE é 11637919.7.0000.5404.

A amostra foi escolhida de forma intencional, se baseou no que era conveniente para a pesquisa, dado seus objetivos e importância (LEVIN; FOX, 2003). Foram criados alguns critérios de inclusão: ter mais de 18 anos, estar nos últimos períodos da graduação (último ano) ou já ser se formado na FEF Unicamp (em até dois anos) e, também, concordar em assinar o TCLE. A amostra foi composta por 55 participantes, 43 formandos (78%) e 12 egressos (22%) da FEF Unicamp, esses majoritariamente do curso diurno (37) (67%) e da modalidade dupla (licenciatura e bacharelado) (37) (67%).

Para analisar as questões fechadas foi utilizada a análise estatística descritiva (AGRESTI; FINLAY, 2012). E para as questões abertas foi escolhido o método de análise de conteúdo, com ordenação, classificação e análise dos conteúdos (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2002). Esses últimos dados foram organizados em temáticas a partir dos questionamentos

da pesquisa, ou seja, “participação em atividades complementares”, “participação em atividades da vida universitária”, “papel na formação”, “forma de realização”, “motivação”, “dificuldades apresentadas” e “sugestões”.

Resultados e discussões

Ao serem questionados/as sobre a participação em atividades complementares ao longo da graduação na FEF/Unicamp, os/as pesquisados/as, em sua maioria (96%) afirmaram vivenciá-las. Monitoria em projetos de extensão, participar de grupos de estudo e pesquisa e realizar estágios complementares foram as mais citadas. Em seguida, citaram a participação em entidades estudantis, a realização de iniciação científica, a frequência em cursos de idiomas e a atuação como treinador/a de times universitários. Também foram mencionados: fazer parte do Projeto Rondon, a realização de cursos fora da universidade, a participação no Programa de Ensino Tutorial (PET), no Programa de Apoio Didático (PAD), no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a organização de eventos, trabalhos em vestibulares e com arbitragem em eventos esportivos e, ainda, ser atleta universitário/a.

Os/as respondentes que citaram não participar de nenhuma atividade complementar ao longo da graduação (4%) justificaram que essa ausência não foi por falta de interesse, mas, por falta de tempo, uma vez que esses precisaram trabalhar de forma integral durante todo esse período.

A participação dos/as alunos/as e egressos/as nessas atividades complementares pode acontecer de diferentes formas: como monitores/as (atuação principal, na preparação e ao ministrar as aulas), colaboradores/as (auxiliam os/as monitores/as para o caso de haver interesse de se tornar monitor/a), alunos/as (participando das aulas) ou observadores/as (apenas acompanhando sem intervenção). Os/as participantes dessa pesquisa indicaram participar principalmente como monitores/as (32%), porém, também, como alunos/as (30%), colaboradores/as (29%) e por meio da observação (9%).

Após ter ciência de quais atividades eram mais realizadas pelos/as pesquisados/as surgiu a necessidade de identificar qual ou quais as motivações que os/as levaram a essas escolhas. A justificativa mais citada foi de que “as atividades complementares são um espaço para colocar em prática toda a teoria que é aprendida nas aulas”.

Em termos profissionais essas atividades proporcionaram uma aproximação com a realidade de trabalho, a possibilidade de aplicar a teoria que é vista nas salas de aula, conhecer novas áreas e diferentes perspectivas da educação física e descobrir novas áreas de interesse ou de desinteresse. De acordo com os/as egressos/as essas vivências foram responsáveis por enriquecer o

currículo e abrir várias ‘portas no futuro’.

Referente ao desenvolvimento pessoal os/as participantes responderam que ao vivenciar essas atividades foi possível “aumentar a confiança, perder a vergonha, sair da zona de conforto, se desafiar, refletir, desenvolver senso crítico, aprender capacidades e habilidades importantes e necessárias para ser professor, descobrir áreas de interesse e desinteresse na profissão”.

No âmbito social foi pontuado que a participação nessas atividades “proporcionou o contato com diferentes pessoas” e, a partir disso, puderam “aprender a lidar com diversos públicos e ampliaram suas visões de mundo”. Afirmaram, ainda, que “suas visões de mundo se modificaram e ampliaram, pois, passaram a respeitar e valorizar as diferenças, o que promoveu mais empatia e fez com que promovessem outros novos contatos e amizades”.

Esses resultados corroboram com autores que afirmam que essas vivências possibilitam o desenvolvimento de capacidades e habilidades importantes para o “ser professor”, como aprender a planejar e ministrar aulas/treinamentos, ter confiança, segurança, capacidade de liderança, buscar e aprender novos conhecimentos específicos de diversas áreas da educação física (SOUZA; SOUZA, 2012). O autor e a autora também afirmam que essas vivências possibilitam um desenvolvimento social e pessoal, uma vez que os alunos aprendem a lidar com diferentes pessoas e públicos e, esse contato, possibilita um autoconhecimento e assim, se ressignificam como sujeitos e professores/as.

Um estudo feito por Fior e Mercuri (2009, p.195), mostrou que durante o período da graduação a participação nessas atividades contribuiu para “o desenvolvimento nas áreas cognitiva, social e afetiva, com ganhos nas habilidades intelectuais, domínio de conhecimentos específicos e nas dimensões atitudinal, psicossocial e moral”. Mais especificamente ao desenvolvimento social, um estudo feito por Kuh (1995), mostrou que um dos maiores ganhos provenientes das atividades complementares é a possibilidade de conhecer e interagir com diferentes pessoas, aprender a enxergar diferentes pontos de vista, ter mais empatia, respeitar e valorizar as diferenças.

De acordo com Oliveira, Santos e Dias (2016), a possibilidade de aplicação prática dos referenciais teóricos estudados em aula permite maior contato com a profissão e dá mais sentido para os conteúdos estudados em aula. Também pode contribuir para a permanência dos/as alunos/as no curso e pode auxiliar a descobrir diversas áreas de interesse. Segundo Peres, Andrade e Garcia (2007), essa diversidade de vivências possibilita que cada aluno/a, com suas diferenças, singularidades e interesses seja mais contemplado e tenha uma formação mais ampla e com mais sentido para o/a mesmo/a. O caráter não obrigatório das atividades complementares faz com que cada aluno/a possa escolher do que participar, o que promove mais autonomia pelo próprio processo de formação, mais motivação e menos chances de desistência (FIOR; MERCURI, 2009).

Foi perguntado, ainda, se a participação nessas atividades complementares tinha sido

importante para o seu desenvolvimento profissional. A maioria (98%) da amostra respondeu afirmativamente. Alguns participantes justificaram suas respostas:

“Coloca o(a) professor(a) e o(a) profissional de educação física em posições diferentes, como professor(a), educador(a), estagiário(a), monitor(a), observador(a), aluno(a), etc... Proporciona experiências determinantes na graduação, que se estende em diversas proporções para a formação profissional, de professor(a) e sujeito crítico. Proporcionou um conhecimento que concilia com meus interesses enquanto sujeito e professor, provocando mais meu interesse e suspensão do que as disciplinas da graduação.” (SUJEITO 35).

“Acredito que as aulas da graduação, mesmo que tenham partes práticas, ainda não contemplam todo o universo de possibilidades que constituem a prática profissional em si. Além disso, valorizar conhecimentos adquiridos nessas experiências que vão além do conhecimento científico acadêmico, normalmente o único valorizado pela Academia, gera grande desenvolvimento em outros pilares que nos constroem como seres humanos.” (SUJEITO 19).

O/a único/a participante que respondeu negativamente à essa questão justificou e afirmou que tais atividades não contemplaram o universo da licenciatura e não aproximaram da realidade de uma escola, mas foram importantes em outros quesitos.

Assim, foi possível constatar que somente o currículo obrigatório da graduação da FEF/Unicamp não contemplou o que é necessário para uma formação ampla para cada aluno/a, principalmente se considerarmos uma área tão abrangente como a educação física. Assim, as atividades complementares têm um importante papel na formação dos/as alunos/as.

Outras atividades da vida universitária

Além dessas atividades complementares mais voltadas à formação profissional, também fez parte da pesquisa questionamentos sobre outras vivências presentes na vida universitária dos/as pesquisados/as. “Frequentar eventos sociais, esportivos e culturais” e “morar sozinho” foram as mais citadas. Também foram assinaladas pelos pesquisados/as: “participar do movimento estudantil, de aulas de circo e de escalada, de trabalhos com equipamentos de antropometria no Laboratório Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão (LABFEF), em trabalhos com arbitragens e, ainda, em congressos”. E, apenas dois dos/as pesquisados/as responderam não participar de nenhuma atividade.

As motivações dos/as alunos/as, para vivenciar essas atividades foram: “ter um momento de lazer, viver novas experiências, conhecer pessoas diferentes, desenvolver habilidades pessoais e, também, complementar a formação”. Na opção ‘outras’ ainda foram citadas: “querer aproveitar

tudo o que era oferecido por estar em uma das melhores universidades do país” e porque compreendia que isso fazia parte de “ser aluna da graduação”.

Tais vivências, menos relacionadas ao ambiente acadêmico, são consideradas como atividades de lazer por buscar momentos de diversão e relaxamento. É comum os/as alunos/as estarem totalmente imersos e consumidos pelas atividades obrigatórias da graduação. Vivemos em uma sociedade em que ‘não se pode perder tempo e é preciso ser útil todo o tempo’. Dessa forma, tais vivências se caracterizam como atividades de lazer a partir do momento em que são realizadas por amor, de forma desinteressada, sem buscar uma recompensa extrínseca e, sim pelo puro prazer (BRAMANTE, 1998).

Outras justificativas citadas pelos/as participantes da pesquisa para essas vivências foram: “ter contato com diferentes pessoas, essas dos mais diversos cursos da Unicamp e lugares do Brasil e do mundo; possibilitar o contato com novas realidades e tornar a vivência universitária cada vez mais rica”. Sociabilizar, fazer novas amizades e conhecer diversos profissionais pode auxiliar no futuro profissional desses/as alunos/as. Entrar em contato com outras culturas faz a pessoa questionar suas próprias verdades, refletir sobre distintos pontos de vistas e aprender coisas novas (KUH, 1995). O contato com outras pessoas pode ser transformador e, de acordo com Larossa (2002), uma vivência pode, de fato, se tornar uma experiência e modificar a vida das pessoas.

Os/as formandos/as e egressos/as, em sua maioria, afirmaram que a participação nessas atividades de vida universitária também “foi importante para o desenvolvimento deles como professores/as e sujeitos, individuais e sociais”. Eles justificaram que, com essas vivências foi possível “se conhecerem melhor, descobrir novos gostos, novas formas de ser, agir e pensar; além de desenvolver novas habilidades; auxiliar na manutenção da saúde física e mental”. Eles/as também citaram que tais atividades possibilitaram “conhecer pessoas novas e melhorar as relações interpessoais; vivenciar experiências simplesmente por estar com vontade, para interagir com amigos, relaxar, fugir da realidade, etc.”. Ainda completaram que tais vivências promoveram uma formação para a cidadania, proporcionaram momentos de reflexão e do estímulo do senso crítico e, ainda, ampliaram a bagagem cultural e contribuíram para um desenvolvimento artístico e esportivo.

[...] Pessoal em primeiro lugar, pela experiência de uma fase de vida mais independente e com novas responsabilidades. Pela abertura do campo de visão para outras realidades e interesses. Pela oportunidade de viver a diferença e assim ampliar a capacidade de empatia. Especialmente para nossa profissão que trabalha diretamente com pessoas, é importante se relacionar e vivenciar para conhecer essas outras realidades. Para mim foi importante para reconhecer e respeitar melhor os outros e suas histórias, realidades, etc.” (SUJEITO 18).

“Elas me fizeram ser quem eu sou hoje, os encontros permitiram que eu me tornasse a pessoa que sou.” (SUJEITO 48).

Os dados demonstraram, assim, que grande parte dos/as alunos/as da FEF Unicamp participa de atividades complementares e da vida universitária ao longo da graduação e que essas são de suma importância para seus desenvolvimentos como professores/as e enquanto seres humanos e sociais, como também mostram os/as autores/as.

Dificuldades apresentadas e possíveis soluções

O estudo feito por Oliveira, Santos e Dias (2016), indicou que a dificuldade de gestão do tempo para conciliar as atividades obrigatórias com as não obrigatórias, a falta de oferta dessas atividades complementares pelo curso de graduação e a falta de divulgação de informação sobre essas atividades foram as principais dificuldades encontradas. Frente a isso, foi perguntado aos sujeitos se eles apresentaram alguma dificuldade para a participação nas atividades complementares. Uma parcela significativa da amostra (81%) respondeu afirmativamente. Foi enfatizada a dificuldade de conciliar tais atividades com aquelas obrigatórias da graduação e a falta de tempo foi o principal obstáculo. A falta de remuneração, de incentivo e a insegurança também foram outras dificuldades encontradas. Entende-se incentivo como uma motivação externa, principalmente, como aquele proveniente da universidade e da faculdade, que divulga, oferece ferramentas e benefícios para que os/as alunos/as participem mais dessas atividades e, às vezes, também aquele por parte dos/as amigos/as e familiares.

No que se refere às outras atividades da vida universitária, o resultado entre os/as alunos/as que apresentaram dificuldades e os que não apresentaram foi equilibrado. Um pouco mais da metade (51%) dos sujeitos da pesquisa relataram apresentar dificuldades para realizá-las e o restante não apresentou obstáculos. Deste modo, foi possível constatar que os/as universitários/as da FEF/Unicamp apresentam mais dificuldades para realizar as atividades associadas ao ambiente acadêmico e profissional do que em relação às outras da vida universitária.

Uma hipótese para isso é em razão de as atividades acadêmicas normalmente serem realizadas durante o horário de aula, ou seja, coincidem com as aulas obrigatórias e a jornada de trabalho. Por outro lado, as atividades mais “informais” podem ocorrer em diversos horários, inclusive aos finais de semana, o que faz com que os/as alunos/as tenham mais oportunidades para vivenciá-las.

Ao analisar as respostas foi possível identificar que alguns/mas alunos/as conseguem participar mais das atividades complementares em detrimento de outros colegas. Aqueles/as que frequentam o curso diurno (integral) e não trabalham são os mais privilegiados/as, uma vez que

grande parte dessas atividades é oferecida ao longo do dia e nos horários de almoço e jantar. Assim, eles/as conseguem se organizar e participar sem maiores prejuízos para suas atividades acadêmicas. No entanto, é possível afirmar que o currículo da FEF/Unicamp ainda é muito extenso, o que faz com que os alunos tenham pouco tempo para participar dessas outras atividades.

Em relação aos/as alunos/as no curso noturno, esses/as são os/as mais prejudicados/as, pois muitos/as precisam trabalhar durante todo o dia, em período integral e, também, porque são poucas as atividades que são oferecidas à noite e, quando isso acontece, coincidem com o horário das aulas formais. Além disso, o currículo da graduação do período noturno da FEF/Unicamp também é extenso. Esse contexto faz com que a participação desses/as alunos/as seja comprometida, principalmente nas atividades mais relacionadas à formação profissional.

Essa mesma problemática também foi encontrada em um estudo feito por Clark et al (2015), que concluíram que os/as alunos/as com melhores condições econômicas participam mais das atividades extracurriculares, uma vez que muitos/as alunos/as que precisam trabalhar ou conseguir alguma outra fonte de renda não conseguem participar da mesma forma.

No entanto, mesmo assim, essas atividades apresentam importância na formação dos/das alunos/as de ambos os períodos, então é preciso refletir: como as atividades complementares e da vida universitária podem atender igualmente e ser mais bem aproveitadas por todos/as alunos/as?

A partir dessa questão os participantes da pesquisa puderam dar sugestões em relação à essa problemática. De acordo com alguns/mas pesquisados/as essas atividades poderiam ser mais bem aproveitadas se houvesse maior incentivo por parte da universidade, com a implementação de políticas estudantis que permitam aos alunos/as participarem de forma mais igualitária. Isso deveria ser iniciado com a mudança do currículo, com menos disciplinas e de forma mais flexível, que permita alguns horários na própria grade curricular para a realização de atividades complementares (extracurriculares). Dessa forma, nenhum/a aluno/a atrasaria alguma disciplina obrigatória para conseguir participar dessas atividades; conseqüentemente elas teriam que ser oferecidas em horários diversos para contemplar os alunos do período diurno e noturno.

Hoje em dia, o conhecimento acadêmico científico tem sido mais valorizado em detrimento de alguns outros, principalmente em relação às vivências mais práticas e/ou informais. Porém, é preciso valorizar outras possibilidades e desconstruir que apenas as atividades acadêmicas e/ou as aulas formais são espaços de formação.

Os/as participantes/as da pesquisa também sugerem ações que sejam protagonizadas pelos/as próprios/as estudantes universitários/as, de forma a melhorar suas participações nessas atividades. O/a aluno/a é responsável por “trilhar seu próprio caminho” dentro da universidade e em

relação à sua formação profissional. Assim, quando necessário, os/as alunos/as devem buscar de forma autônoma o que o curso de graduação não é capaz de contemplar. Com o suporte da universidade e dos docentes, porém, os alunos também precisam “ir atrás” dessas atividades, desse conhecimento que lhes falta e/ou interessa. De acordo com Oliveira, Santos e Dias, “a participação em atividades não obrigatórias (projetos, estágios, eventos) contribui para a construção de sua autonomia profissional” (2016, p.8).

Quando buscaram por essas atividades alguns/mas alunos/as da FEF/Unicamp afirmaram faltar divulgação por parte da faculdade e dos/as docentes. Também enfatizaram que essas poderiam ser mais bem aproveitadas caso houvesse mais divulgação, explicação e incentivo para a participação.

Assim, são várias as ações afirmativas que podem ser tomadas pela universidade, faculdade, docentes e pelos/as próprios/as alunos/as para potencializar a vivência nessas atividades que, nessa pesquisa, se mostraram tão importantes para a formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstrou esse estudo, as atividades complementares estão presentes na trajetória de grande parte dos alunos/as e egressos/as da FEF/Unicamp e tem papel indispensável em suas formações. Tais vivências foram associadas tanto ao ambiente acadêmico quanto à vida universitária em geral. Todas contribuíram majoritariamente para o desenvolvimento profissional, pessoal e social dos/as participantes da pesquisa.

Os resultados desse estudo confirmaram outros citados por diversos autores (KUH, 1995; PERES, ANDRADE, GARCIA, 2007; FIOR, MERCURI, 2009; OLIVEIRA, SANTOS E DIAS, 2016). Ficou evidenciado que durante a formação universitária participar das atividades complementares se faz necessário uma vez que somente a graduação não consegue abordar com profundidade todos os conteúdos referentes à profissão, nem contemplar todos os aspectos necessários para uma formação ampla.

Alguns obstáculos foram encontrados frente à realização dessas atividades. A falta de tempo e a dificuldade de conciliar com as atividades obrigatórias da grade curricular do curso foram os mais frequentes. Esse problema pode ser agravado para os/as estudantes que trabalham de forma integral e/ou estudam no período noturno, pois esses têm menos tempo e oportunidades para vivenciar tais atividades, uma vez que essas são oferecidas majoritariamente durante o dia ou coincidem com os horários de aula à noite.

Para melhorar a participação desses/as e dos/as futuros/as alunos/as nas atividades complementares, algumas sugestões foram propostas: a reestruturação do currículo da graduação da FEF Unicamp, menos extenso e mais flexível e a ‘curricularização’ da extensão, para aumentar as oportunidades de participação nesses projetos. Uma maior divulgação e incentivo por parte do corpo docente da FEF/Unicamp desses diversos espaços de formação, também foram sugeridos e se mostrou necessária aos pesquisados/as

O/a aluno/a também é responsável por suas escolhas na formação profissional e pessoal e, por isso deve buscar conhecimentos que estão além da sala de aula. São experiências para a vida e que devem ser estendidas também após a graduação, uma vez que estamos em constante processo de aprendizado e de transformação.

É importante lembrar que a universidade pública com seu papel social deve proporcionar tais vivências e oportunidades culturais, de formação social, política e humana, para que os/as alunos/as tenham uma formação cada vez mais ampla e plural. É de suma relevância que os/as alunos/as ocupem esses espaços públicos e façam com que esse investimento retorne para a sociedade.

Faz-se necessários outros estudos sobre essa temática, inclusive com outros instrumentos mais qualitativos como, por exemplo, a realização de entrevistas. Esse estudo se limitou à FEF Unicamp, porém é indispensável que outras pesquisas sejam realizadas para um melhor entendimento do papel das atividades complementares em diferentes contextos, assim como em outras áreas (humanas, artes, exatas, biológicas, etc.), em universidades públicas, privadas, cursos diurnos e noturnos, e assim por diante. Tais estudos podem contribuir para que as universidades formulem e implementem suas políticas universitárias.

REFERÊNCIAS

AGRESTI, Alan; FINLAY, Barbara. **Métodos estatísticos para as ciências sociais**. Porto Alegre, Brasil: Penso, 2012.

BATISTA, Paula; PEREIRA, Ana Luisa; GRAÇA, Amândio Braga dos Santos. A (re) configuração da identidade profissional no espaço formativo do estágio profissional. In: DO NASCIMENTO, Juarez Vieir; FARIAS, Gelcemar Oliveira (Org.). **Construção da identidade profissional em Educação Física: Da formação à intervenção**. UDESC, 2012. p. 81-111.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. **Licere, Belo Horizonte**, v. 1, n. 1, p. 9-17, 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.1998.1552>. Acesso em: 28 set. 2021.

CATANI, Afrânio Mendes; DE OLIVEIRA, João Ferreira. A universidade pública no Brasil:

identidade e projeto institucional em questão. **Avaliação-Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 4, n. 4, 1999. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/avaliacao/article/view/1083>. Acesso em: 28 set. 2021.

CHAUÍ, Marilena. Em torno da universidade de resultados e de serviços. **Revista USP**, n. 25, p. 54-61, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i25p54-61>. Acesso em: 28 set. 2021.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista brasileira de educação**, v. 24, n. 1, p. 5-15, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300002>. Acesso em: 28 set. 2021.

CLARK, Gordon; MARSDEN, Rebecca; WHYATT, Duncan J; THOMPSON, Leanne; WALKER, Marion. 'It's everything else you do...': Alumni views on extracurricular activities and employability. **Active Learning in Higher Education**, v. 16, n. 2, p. 133-147, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1469787415574050>. Acesso em: 28 set. 2021.

DIAS SOBRINHO, José. Educação superior, globalização e democratização: qual universidade?. **Revista brasileira de educação**, n. 28, p. 164-173, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782005000100014>. Acesso em: 28 set. 2021.

DOS SANTOS, Acácia Aparecida Angeli; MOGNON, Jocemara Ferreira; DE LIMA, Thatiana Helena; CUNHA, Neide Brito. A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 2, p. 283-290, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000200010>. Acesso em: 28 set. 2021.

FIOR, Camila Alves; MERCURI, Elizabeth. Formação universitária e flexibilidade curricular: importância das atividades obrigatórias e não obrigatórias. **Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação**, n. 29, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/43069>. Acesso em: 28 set. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KUH, George D. In their own words: What students learn outside the classroom. **American Educational Research Journal**, v. 30, n. 2, p. 277-304, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.3102/00028312030002277>. Acesso em: 28 set. 2021.

LARROSA, Jorge Bondia. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 28 set. 2021.

LEVIN, Jack; Fox, James Alan. **Estatística para Ciências Humanas**. 9. ed. New Jersey: Editora Prentice-Hall., 2003.

MANESCHY, Gustavo Montenegro. **Lazer e Formação Cultural: uma análise das trajetórias de professores universitários nos estados do Pará e Amapá**. 2019. Tese (Doutorado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu Cruz. **Pesquisa**

social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTAGNER, Paulo Cesar; DAOLIO, Jocimar. A reestruturação curricular do curso de graduação e as perspectivas da FEF-UNICAMP frente às novas diretrizes curriculares. In: NETO, Samuel de Souza; HUNGER, Dagmar. **Formação profissional em Educação Física: Estudos e Pesquisas.** Rio Claro: Biblioética Editora, 2006.

OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; SANTOS, Anelise Schaurich dos; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de estudantes universitários sobre a realização de atividades extracurriculares na graduação. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 864-876, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003052015>. Acesso em: 28 set. 2021.

PERES, Cristiane Martins; ANDRADE, Antonio dos Santos; GARCIA, Sérgio Britto. Atividades extracurriculares: multiplicidade e diferenciação necessárias ao currículo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 31, n. 3, p. 203-211, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022007000300002>. Acesso em: 28 set. 2021.

SILVA, Franklin Leopoldo. Reflexões sobre o conceito e a função da universidade pública. **Estudos avançados**, v. 15, n. 42, p. 295-304, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000200015>. Acesso em: 28 set. 2021.

SOUZA, Edison Roberto; SOUZA, Alba Regina Battisti. A extensão na formação inicial em educação física. In: DO NASCIMENTO, Juarez Vieir; FARIAS, Gelcemar Oliveira (Org.). **Construção da identidade profissional em Educação Física: Da formação à intervenção.** UDESC, 2012. p. 347 - 370.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Projeto pedagógico dos cursos de educação física: licenciatura em educação física graduação em educação física. Campinas: FEF/UNICAMP, 2016. Disponível em: https://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/2018-02-16_projeto_pedagogico_fef-unicamp.pdf. Acesso em: 01 dez. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Faculdade de Educação Física. Histórico. Website da FEF/UNICAMP. 2020a. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/historico>. Acesso em: 01 dez. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Faculdade de Educação Física. Graduação: Licenciatura e Bacharelado. Website da FEF/UNICAMP. 2020b. Disponível em: <https://www.fef.unicamp.br/fef/graduacao/licenciaturaebacharelado>. Acesso em: 01 dez. 2020.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS - Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Projeto aprovado pelo comitê de ética. Número do Parecer: 3.315.294. Data: 09 de Maio de 2019.

CONFLITO DE INTERESSES - Não se aplica

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITOR DE SEÇÃO

Juliano Silveira.

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

João Caetano Prates Rocha; Keli Barreto Santos.

HISTÓRICO

Recebido em: 12 de abril de 2021.

Aprovado em: 16 de julho de 2021.